

EDUCAÇÃO ESCOLAR E PRÁTICAS DOCENTES: RELATOS E EXPERIÊNCIAS NO CINEMA E NA LITERATURA

Isabela Gonçalves de Menezes¹

RESUMO

Apresenta a história do professor William Hundert e as consequências de suas escolhas e atitudes, bem como das práticas educativas e métodos pedagógicos utilizados em suas aulas, inclusive na avaliação da aprendizagem, ou seja, lições que marcaram várias pessoas. Hundert é uma personagem de um dos capítulos do livro de contos “O ladrão do palácio” de Ethan Canin (2000), adaptado para o cinema pelo diretor Michael Hoffman com o título “O clube do imperador” (*The Emperor's Club*). Do poeta Manoel de Barros, traz recordações de fatos ocorridos em sala de aula quando este cursava o ginásio e, de Albert Camus, filósofo, escritor e Nobel de literatura, relatos de um menino que, embora órfão e pobre, recebeu influência de dois professores que o ajudaram a definir sua vida profissional. Quanto à metodologia, é um artigo de revisão de natureza bibliográfica, de cunho exploratório.

Palavras-chave: Cinema. Educação. Literatura. Práticas docentes.

INTRODUÇÃO

Em uma sala de aula, para a mesma informação ou conteúdo, diferentes professores podem causar reações distintas nos alunos, de acordo com sua postura e interação com a classe, refletindo no aprendizado e no modo como os alunos vão se relacionar com o conteúdo, sentindo-se mobilizados para aprender ou passando a detestar o que foi ensinado.

Segundo Morales (1999), o professor ensina intencionalmente e, às vezes, não intencionalmente. Nos efeitos não intencionais, entra em jogo a relação professor-aluno que deve ser entendida de forma global, pois tudo é relação e comunicação: até mesmo o modo de olhar para o aluno diz algo para ele. O autor lembra que muitos dos aprendizados importantes são subprodutos de fatos que ocorrem no cotidiano e, no âmbito escolar, acontecem ou o

¹ Especialista em Didática e metodologia do ensino superior; participa do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Contemporaneidade (EDUCON/UFS).

professor faz com que aconteçam muitas coisas, quase sem se dar conta. Ele transmite mensagens de muitas maneiras com o que diz e faz e por meio do que não diz e não faz e essas lições aprendidas pelo aluno, sem intenção, podem sobreviver em atitudes para a vida.

Por isso, ressalta que é oportuno não olvidar que os docentes podem ser um exemplo de identificação a ser assumido pelo aluno e arremata: “talvez nós mesmos possamos nos lembrar de algum professor que tenha nos deixado uma marca especial e que em alguma dimensão de nossa vida continua sendo um modelo” (MORALES, 1999, p. 22).

Do mesmo modo, métodos, exercícios e práticas educativas utilizados pelo professor em sala de aula podem influenciar, além do aprendizado dos conteúdos ou habilidades dos alunos, suas atitudes com relação à matéria, ao estudo, ao trabalho e a respeito de si mesmos, incidindo em seu desenvolvimento emocional e social e não ficando restritos apenas à linha do conhecimento e do desenvolvimento intelectual. O professor tem grande influência na vida dos alunos, até mesmo no desenvolvimento moral, no discernimento dos próprios valores e na definição do que eles querem fazer com suas vidas (MORALES, 1999).

Percebe-se, desse modo, a importância do papel do professor. Por isso, este deve se preocupar com o conteúdo de suas aulas. O professor e filósofo Gilles Deleuze, na letra P de professor de seu “Abecedário” (*L’Abécédaire de Gilles Deleuze*) – um conjunto de entrevistas concedidas entre os anos 1988-1989 – afirmou que uma aula deve ser algo muito preparado. Para ele, a aula parece muito com outras atividades e, se o professor deseja cinco ou dez minutos de inspiração, deve fazer uma longa preparação, até mesmo ensaiar, porquanto, se não fizer isso o bastante, não estará inspirado. Uma aula, disse, quer dizer “momentos de inspiração”, senão não quer dizer nada e revelou que durante sua vida de professor sempre fez assim, preparando-se e ensaiando muito para ter esses momentos de inspiração. Ainda que o professor nem sempre ache interessante o que diz, faz-se necessário achar a matéria da qual trata e abraça fascinante. Aulas, segundo Deleuze, são algo muito especial, são como um cubo, um espaço-tempo: muitas coisas podem acontecer em uma aula, pois é algo que se estende de uma semana a outra. Há uma sequência e não se pode recuperar o que não se fez (DELEUZE, 1996).

Diante do exposto, este artigo apresenta memórias e narrativas de experiências de educação escolar vividas pelo poeta Manoel de Barros e pelo escritor e Nobel de literatura Albert Camus – enfatizando seu relacionamento com dois professores que, através de sua prática pedagógica, influenciaram sua carreira profissional. Também apresenta e analisa

escolhas, atitudes, práticas educativas e métodos pedagógicos do professor William Hundert, personagem de um dos capítulos do livro de contos “O ladrão do palácio” (*The Palace Thief*) de Ethan Canin (2000), adaptado para o cinema, em 2002, pelo diretor Michael Hoffman com o título “O clube do imperador” (*The Emperor's Club*).

Os filmes, apesar da dialética frankfurtiana que critica o entretenimento e a denominada baixa cultura (HORKHEIMER; ADORNO, 1985), podem ser utilizados em sala de aula como subsídio e reforço dos assuntos abordados, visto que favorecem a discussão. Deste modo, a análise do filme referenciado é indicada especialmente para alunos e professores de Didática, bem como disciplinas relacionadas com a prática docente.

A escola, na atualidade, vem se deparando com outros parceiros em sua ação pedagógica como, por exemplo, a emergência da mídia, e se faz necessário atentar para a presença de uma cultura de massa, com força socializadora, que preenche a vida da sociedade, assim, o cinema comparece atualmente nas atividades curriculares como uma das instâncias para a efetivação da ampla base cultural requerida pela educação (SETTON, 2004).

Para Silva (2007), as sociedades audiovisuais contemporâneas se caracterizam pela complexidade, incerteza e velocidade de suas mudanças em todos os sentidos, suscitando desafios que se refletem na ação docente. Por isso, para esta autora, o professor deve trazer para a sala de aula situações representativas de conflitos, tensões e sentimentos próprios da vida, no sentido de formar para a cidadania e propõe o cinema como possibilidade concreta, que oferece recursos para a consecução desta tarefa.

MANOEL DE BARROS E “AQUELA AULA”

Em entrevista ao programa “Starte” da Globo News, o poeta Manoel de Barros fala que “a poesia é o mel das palavras” e se emociona ao lembrar de certa aula, ocorrida quando ele era estudante do ginásio. O poeta nasceu em 1916, portanto, tal fato deve ter ocorrido há cerca de oito décadas (BARROS, 2005). Ele também aborda esse acontecimento no livro “Memórias inventadas (a segunda infância)” em um poema com o sugestivo título de “Aula”, aquela inesquecível aula de um professor de latim que não gostava de palavras estanques, mas de palavras de fontes, de larvas incendiadas:

Nosso professor de latim, Mestre Aristeu, era magro e do Piauí. Falou que estava cansado de genitivos, dativos, ablativos e de outras desinências. Gostaria agora de escrever um livro. Usaria um idioma de larvas incendiadas. Epa! O professor falseou – ciciou um colega. Idioma de larvas incendiadas! Mestre Aristeu continuou: quisera uma linguagem que obedecesse a desordem das falas infantis do que as ordens gramaticais. Desfazer o normal há de ser uma norma. Pois eu quisera modificar nosso idioma com minhas particularidades. Eu queria só descobrir e não descrever. O imprevisto fosse mais atraente do que o déjà visto. O desespero fosse mais atraente do que a esperança. Epa! O professor desalterou de novo – outro colega nosso denunciou. Porque o desespero é sempre o que não se espera. Verbi gratia: um tropicão na pedra ou uma sintaxe insólita. O que eu não gosto é de uma palavra de tanque. Porque as palavras do tanque são estagnadas, estanques, acostumadas. E podem até pegar mofo. Quisera um idioma de larvas incendiadas. Palavras que fossem de fontes e não de tanques. E um pouco exaltado o nosso professor disse: Falo de poesia, meus queridos alunos. Poesia é o mel das palavras! Eu sou um enxame! Epa!... Nisso entra o diretor do Colégio que assistira à aula de fora. Falou: 'Seu Enxame espere-me no meu gabinete. O senhor está ensinando bobagens aos nossos alunos'. O nosso mestre foi saindo da sala, meio rindo a chorar (BARROS, 2006, p. X).

ALBERT CAMUS E OS PROFESSORES LOUIS GERMAIN E JEAN GRENIER

O escritor e filósofo franco-argelino Albert Camus foi um menino pobre, órfão de pai e filho de mãe analfabeta e parcialmente surda. Nasceu em uma propriedade vinícola perto de Mondovi, na Argélia, em 1913. No ano seguinte, antes que completasse um ano, seu pai foi morto na I Guerra Mundial. Camus passou, então, a ser criado por sua mãe e por sua avó materna no subúrbio pobre de Belcourt, bairro proletário de Argel.

Camus poderia ter apenas “reproduzido” a condição social de seus familiares, tornando-se um operário ou um balconista, porém, dois professores, Louis Germain e Jean Grenier, ao perceberem seu talento natural, influenciaram sua formação e a definição de sua vida profissional (BARRETO, 1991). Assim sendo, utilizando um termo de J. P. Terrail, apresentado por Charlot (2000), torna-se uma criança “trânsfuga” que, embora oriunda de família popular, mudou de mundo graças ao sucesso escolar.

Diante do apoio recebido, o professor Louis Germain foi homenageado por Camus com um dos mais belos capítulos do livro “O primeiro homem”, cujo manuscrito foi encontrado na pasta do escritor quando do acidente que lhe causou a morte (CAMUS, 2005).

Segundo Todd (1998), o professor Germain, como um progressista social, tinha

conhecimento da famosa carta de Jules Ferry que instruía aos professores serem exemplos para seus alunos. A carta destacava ser impossível que um professor, estando rodeado todos os dias de alunos que escutam suas lições, observam sua conduta e se inspiram em seus exemplos – naquela fase da vida em que o espírito se desperta, o coração se abre e a memória se enriquece – não aconteça de aproveitar desta confiança para transmitir com seus conhecimentos escolares, o princípios da moral. Enfatizava que o professor é o auxiliar e, de certo modo, o suplente do pai de família, portanto, deveria falar ao aluno como quisera que se falasse ao seu filho, com firmeza e com autoridade, quando se tratasse de uma verdade indiscutível (FERRY, 1945).

Visivelmente, Louis Germain gostava muito de Camus, a tal ponto de, um dia, este seu aluno ser chamado ironicamente de “xodó” por um dos colegas de sala. Segundo Camus, o professor tomou isso contra si e disse com certa gravidade que tinha certa preferência por ele “como por todos aqueles entre vocês que perderam o pai na guerra. Eu fui à guerra com os pais deles e estou vivo. Tento substituir aqui pelo menos meus companheiros mortos” (CAMUS, 2005, p. 137).

Camus tinha boas lembranças das aulas de Germain, considerando-as sempre interessantes e cativantes pela simples razão de que este professor era apaixonado pelo seu trabalho (CAMUS, 2005).

Lá fora, o sol podia estar rachando sobre as paredes foscas enquanto o calor estalava na sala propriamente dita que, no entanto, estava mergulhada na sombra das persianas de grandes listas amarelas e brancas. Podia também estar caindo uma tempestade, como caía na Argélia, em cachoeiras intermináveis, transformando a rua num poço sombrio e úmido, que a classe mal percebia. Apenas as moscas, na época das tempestades, distraíam algumas vezes a atenção das crianças. Elas eram capturadas e aterrissavam nos tinteiros, onde começavam uma morte horrenda, afogadas na lama violeta que enchia os pequenos tinteiros de porcelana com suporte cônico que eram colocados nos buracos das carteiras. Mas o método de M. Bernard, que consistia em nada ceder na disciplina e em tornar, ao contrário, tudo vivo e divertido em seus ensinamentos, triunfava até sobre as moscas. Ele sabia tirar sempre no momento certo de seu armário de tesouros a coleção de minerais, de ervas, de borboletas e de insetos dissecados, de mapas [...] que despertavam o interesse cada vez maior dos alunos (CAMUS, 2005, p. 131).

Inflexível sobre ortografia, pontuação, aritmética e composição, Germain organizava concursos de aritmética mental e fazia, pelo menos duas vezes por mês, apresentações de *slides* sobre geografia e história natural para seus extasiados alunos (TODD, 1998).

Como não havia livros em casa, foi na escola onde Camus descobriu o mundo das palavras (TODD, 1998). De fato, a escola lhe dava muitas alegrias através da leitura de livros que contavam histórias de outros lugares, alguns exóticos e, sem dúvida, o que ele e seus colegas “amavam tão apaixonadamente nela era o que não encontravam em suas casas, onde a pobreza e a ignorância tornavam a vida mais dura, mais morna, como que fechada em si mesma (CAMUS, 2005, p. 132). Além disso,

a escola não lhes oferecia apenas uma evasão da vida de família. Nas aulas de M. Bernard, pelo menos, ela alimentava neles uma fome ainda mais essencial para a criança do que para o homem, que é a fome da descoberta. Nas outras classes, ensinavam-lhes sem dúvida muitas coisas, mas um pouco como se entopem os gansos. Apresentavam-lhes um alimento pronto pedindo que o comessem. Nas aulas do M. Germain, pela primeira vez sentiam que existiam e que eram objeto da mais alta consideração: julgavam que eram dignos de descobrir o mundo. E o professor não se limitava apenas a ensinar-lhes aquilo que era pago para ensinar, ele os acolhia com simplicidade em sua vida pessoal, dividia-a com eles, contando-lhes sua infância e a história de crianças que conhecera, expunha seus pontos de vista, não suas ideias, pois era, por exemplo, anticlerical como muitos de seus colegas, e nunca na classe tinha uma palavra contra a religião, nem contra nada que pudesse ser objeto de uma escolha ou de uma convicção, mas condenava com mais força aquilo que não era passível de discussão, o roubo, a delação, a indelicadeza, a sujeira (CAMUS, 2005, p. 133).

Foi Germain que incentivou o então menino de nove anos e o ajudou a ganhar uma bolsa escolar para o Liceu, o que lhe possibilitou chegar à faculdade. E isso teve um grande peso na vida do escritor, pois o professor influenciou “com todo o seu peso de homem, num certo momento, para modificar o destino desse menino que estava sob sua responsabilidade, e na verdade o tinha modificado” (CAMUS, 2005, p. 125).

A avó de Camus era contra a bolsa de estudos, pois não considerava conveniente o fato de ele passar seis anos estudando no Liceu sem poder trabalhar e contribuir com seu salário para o orçamento. Por isso, o professor Germain foi até a casa de Camus para falar com sua mãe e avó sobre as habilidades do menino, bem como prometeu que lhe daria aulas

suplementares para que ele pudesse concorrer à bolsa que iria pagar por uma escola de alto diploma, após o qual poderia obter um emprego melhor (TODD, 1998).

Quando a avó de Camus informou que não seria capaz de arcar com os custos dessas aulas, o professor respondeu que o aluno já as havia pagado (CAMUS, 2005). O reconhecimento e gratidão de Camus se manifestaram publicamente em 1957 quando, em seu discurso de aceitação, viria a dedicar o Prêmio Nobel de Literatura a Germain:

Deixei que passasse um pouco o movimento que me envolveu todos esses dias antes de vir falar-lhe de coração aberto. Acaba de me ser feita uma grande honra que não busquei, nem solicitei. Mas quando eu soube da novidade, meu primeiro pensamento, depois de minha mãe, foi para você. Sem você, sem essa mão afetuosa que você estendeu ao menino pobre que eu era, sem seu ensino, sem seu exemplo, nada disso teria acontecido. Eu não faço questão dessa espécie de honra. Mas essa é ao menos uma ocasião para dizer-lhe o que você foi e sempre é para mim, e para assegurar-lhe que os seus esforços, que o seu trabalho e o coração generoso que você coloca em tudo o que faz, sempre de maneira viva com relação a um de seus pequenos discípulos que, não obstante a idade, não cessou jamais de ser seu aluno reconhecido (CAMUS, 2005, p. 293).

Louis Germain seria o primeiro na linha de um pai substituto e mentores intelectuais que pavimentaram o caminho de pobreza de Camus de Belcourt até Paris – incluindo o jornalista e editor Gaston Gallimard Pascal Pia e Jean Grenier, a quem Camus explicitamente disse “reconheci como pai” (CAMUS, 2005, p. 267).

De fato, no Liceu, o poeta e ensaísta Jean Grenier foi outro professor que teve profunda influência na vida de Camus. Mais tarde, na faculdade, Grenier se reencontra com Camus no professorado de Filosofia e o inicia na leitura de Platão, Pascal, Kierkegaard, Bergson e Nietzsche. “A influência de Grenier sobre o jovem Camus foi decisiva para a descoberta da vocação de escritor como também na escolha do tipo de inquietação intelectual que seria abordada por ele”, afirma Barreto (1991, p. 15).

Foi Grenier quem corrigiu o “Ensaio sobre a música” que Camus escreveu aos dezenove anos e que a revista *Sud* publicaria em 1932. Nos originais, podem ser lidas algumas observações do mestre como “rever”, “condensar”, “eliminar o aspecto escolar”, “bem feito”, “não tocar”, “certo, mas mal expresso”, até um “é falso” quando Camus afirmou a relação de

Wagner com as mitologias alemãs e um “é tolice”, quando disse que a música é um instrumento de redenção (GONZÁLES, 2002).

O agradecimento de Camus ao professor se manifestou ao lhe dedicar seu primeiro livro, “O avesso e o direito” (*L’Envers et l’Endroit*), publicado em 1935 quando tinha vinte e dois anos. Neste livro está inteira, também, a influência de Grenier. Vinte anos depois, quando o reeditou, persistiu: “sinto-me um aprendiz aos pés de escritores dos quais um dos primeiros é aquele a quem estes ensaios foram dedicados” (GONZÁLES, 2002, p. 20). Quando publicou “O homem revoltado” (*L’Homme Revolté*), o mais importante de toda sua obra, foi a Grenier, mais uma vez, que dedicou (BARRETO, 1991).

Para o título de “O mito de Sísifo”, Camus também foi influenciado pelo professor Grenier que em seu “Ensaio sobre o espírito da ortodoxia” (*Essai sur l’esprit d’orthodoxie*) tratava sobre os mortais punidos pelos deuses e criticava o fato de que se fala muito mito de Prometeu, esquecendo-se de citar a parte principal que é seu desfecho, além de que nunca se fala de Sísifo. A partir dessa observação, Camus extraiu três consequências de suas meditações sobre o absurdo: sua revolta, sua liberdade, sua paixão (TODD, 1998).

Assim, pode-se dizer que Grenier não foi um professor comum da rede de ensino francesa na província argelina, mas um mestre “à cata de discípulos, investido de uma missão, acreditando que só ensina aquele que sabe proporcionar guias permanentes para a vida” (GONZÁLEZ, 2002, p. 20).

O CLUBE DO IMPERADOR

Para este artigo, pelo fato de ser mais acessível que o livro que o originou, preferiu-se analisar a versão do filme “O clube do Imperador” (2002), dirigido por Michael Hoffman. Este filme conta a história de William Hundert (Kevin Kline), conceituado professor de História da Civilização Ocidental Greco-Romana na Escola St. Benedict’s – tradicional internato americano para rapazes – bem como sua relação com uma turma de estudantes adolescentes, especialmente o aluno Sedgewick Bell (Emile Hirsch).

No início do filme, Hundert está em um hotel para participar da revanche do “Senhor Júlio César”, evento promovido por Bell, um de seus ex-alunos e, embora não soubesse ao certo porque aceitara o convite, suspeitava que tivesse algo a ver com esperança. A partir daí,

começa a lembrar do ano de 1976 na escola St. Benedict's onde, para ele, reuniram-se os mais vitoriosos e influentes jovens de uma geração.

Uma tomada aérea desloca os acontecimentos para o passado, o primeiro dia do ano letivo de 1976. Naquele dia, o professor Hundert, em sua sala de aula, começa a fazer preparativos para a recepção dos alunos: checa as condições dos móveis, alinha as carteiras e deposita um exemplar de um livro sobre cada uma delas. Feita a organização, pára um pouco e se concentra para logo depois receber sua nova turma de alunos. Já em aula, adverte-os de que a grande ambição e a conquista sem contribuição não têm significado. Questiona-os sobre seus possíveis contributos e como a história se lembrará deles.

Todos os anos, Hundert utiliza como recurso didático para a aprendizagem de seus alunos um concurso chamado “Senhor Júlio César” que os desafia com perguntas e atividades escolares sobre a história da cultura romana. O evento, tradição na escola, consiste em duas etapas: a primeira é uma série de testes da qual saem três finalistas e a segunda é uma prova pública onde estes três ocupam o palco do salão nobre para, com a presença de professores, pais e alunos, serem sabatinados sobre Roma antiga. O vencedor é laureado Senhor Júlio César.

Por causa do concurso, os alunos do professor Hundert, inclusive o próprio, vestem togas em algumas aulas buscando experimentar a história. Mas, certo dia, chega à classe de Hundert o aluno Sedgewick Bell, filho de um senador que, ao entrar na sala, em tom jocoso, põe em causa o fato de que, se a escola é para rapazes, por que estão usando vestidos. É o primeiro aluno a questionar a metodologia de Hundert e tal fato, além de surpreender a todos, desagrade ao professor. Este indica a Bell uma carteira específica, mas o novo aluno a recusa dizendo que está bem no lugar que ele próprio havia escolhido. Isso causa espanto nos demais alunos, acostumados a obedecer sem retrucar. Hundert não aceita, acontece um ligeiro embate e, não obstante à sua vontade, o novato senta no lugar indicado pelo professor que, ainda um tanto desconcertado pela surpresa de ter sido enfrentado, diz que no dia seguinte encenarão a peça “Júlio César” de Shakespeare e que Bell fará o papel de Brutus. Na encenação da peça, advêm novos embates: Bell choca os colegas, ao afirmar que “aquilo” não tem significado para ele e diz que Brutus, “o mais nobre romano de todos”, segundo o professor Hundert, é um “covardão”. Os alunos riem e o professor, pela segunda vez, está diante de quem o desafia.

Bell não se interessa pelas aulas e dificulta os momentos de estudo dos colegas, usa o uniforme com desmazelo, sempre quebrando regras. Os demais alunos, ao contrário, decoram palavras em latim e passam as tardes estudando em grupo. Apesar de adolescentes, são compenetrados, atenciosos e receptivos a toda a disciplina e ensino escolares. Vestem-se em estilo formal, habitualmente de camisa, gravata e com uma jaqueta que tem o brasão da escola bordado no bolso. Na sala de aula, caso desejem fazer perguntas ou tirar dúvidas, levantam a mão ao se dirigir ao professor, de forma respeitosa.

Acostumado a com um simples olhar mandar os alunos arrumarem suas gravatas sem ser contestado, Hundert é surpreendido, enquanto escrevia na lousa de costas para os alunos, com o barulho de livros fechando ao mesmo tempo, brincadeira coordenada por Bell. Chama-o ao quadro e o humilha diante da classe, ao pedir que escreva em ordem cronológica o nome dos imperadores romanos. Como o aluno não consegue, diz que até os insetos da sala sabem a resposta.

Por causa deste episódio, Bell é chamado ao escritório do professor que lhe avisa que procurará seu pai. Mas o encontro com o senador não foi como Hundert esperava. O pai do aluno parece não prestar atenção, apesar de o professor expor o motivo que o levou a procurá-lo foi o fato de seu filho não se esforçar para aprender a matéria. O senador pergunta qual a matéria ensinada e questiona seu real valor na vida dos alunos. Quando Hundert responde que, através dos grandes homens da história, sua função é moldar o caráter de seu filho, o senador não aprova. Para ele, a função da escola e do professor é ensinar a tabuada, porque o mundo é redondo, quem matou quem, quando e onde. Quem vai moldar o filho é ele, seu pai. Entretanto, telefona para Bell e censura seu comportamento.

A partir daí o garoto chega na sala de aula cabisbaixo, mas Hundert percebe e depois vai ao seu quarto. Encontra o aluno prostrado, então lhe oferece o livro que usou em sua época de colegial. Diz que o primeiro capítulo resume toda a matéria do ano, mas o aluno nem lhe olha. O professor insiste que está lhe emprestando o livro porque acredita que ele pode ser o primeiro da classe e até vencer o concurso. Bell o encara surpreso, embora nada responda. Porém, quando o professor sai, abre o livro e começa a ler.

O concurso começa e o professor Hundert corrige com especial atenção o texto de Bell. Procura-o para entregar a nota e diz que ele passou. Bell vai se interessando, lendo mais, pega livro emprestado na biblioteca e estuda até durante o almoço. Na pré-classificação, entre os dez colocados, fica em sexto e, para a final, em quarto lugar. Porém, como só poderiam ir

três alunos, Hundert reavalia a nota de Bell, garantindo-lhe a vaga, mas, para fazer isso, precisou rebaixar para o quarto lugar o aluno que, por mérito, havia ficado em terceiro.

Entretanto, na final, Bell trai a confiança do professor e, diante de um auditório cheio, aproveita a roupa romana de mangas largas para colar. O professor Hundert, ao perceber, fica altamente decepcionado, mas não demonstra para a plateia. A saída para que Bell não seja campeão é fazer uma pergunta que não estava no livro que havia lhe emprestado. Assim, sem o auxílio da cola, Bell fica em segundo lugar e, até se formar, afasta-se do professor e cada vez mais se torna um aluno relapso, uma vez que não aceitou a mudança das regras durante a sabatina, ou seja, o fato de o professor ter feito uma pergunta que não estava no livro didático.

Muitos anos depois, Hundert recebe uma inesperada proposta: seu ex-aluno Sedgewick Bell oferece uma grande quantia em dinheiro à escola para que o professor participe de uma revanche do concurso Senhor Júlio César em um luxuoso hotel. Mas era um jogo político: Bell convidou todos os antigos colegas de classe para lançar sua candidatura ao Senado, pois seu pai havia morrido e ele queria assumir seu lugar. A revanche era um pretexto para reunir pessoas influentes e contar com seu apoio.

Mais uma vez, quando estava fazendo as perguntas, Hundert percebe que Bell está colando, agora através do uso de um ponto eletrônico no ouvido. Após o ocorrido, confrontado pelo professor, Bell justifica sua atitude dizendo que vive em um mundo real onde as pessoas fazem o que precisam fazer para conseguir o que querem e, se mentem ou traem, que assim seja.

CONSIDERAÇÕES

Com relação ao modelo pedagógico utilizado pelo professor Hundert, pode-se afirmar que foi adotada a pedagogia diretiva. Inclusive, em uma das suas aulas, com ironia, diz que tirania é o que tem em sua sala de aula, e funciona. Outras características desse modelo pedagógico observadas no filme são aprender a matéria pela repetição, no intuito de decorá-la e o temor, que é grande, de quebrar regras e de que os professores procurem seus pais.

A pedagogia diretiva é representada pela ação do professor de transmissor do conhecimento, onde ele é sujeito e o aluno, objeto. O pressuposto epistemológico que fundamenta esse modelo é o empirismo, em que o sujeito é totalmente determinado pelo mundo do objeto ou pelos meios físico e social: o sujeito é o centro do conhecimento,

enquanto o objeto é tudo o que o sujeito não é. O indivíduo “é uma folha de papel em branco”, assim, supõe-se que o aluno nada sabe e o professor tem que ensinar tudo, o professor jamais aprenderá e aluno jamais ensinará. A esse respeito, Freire (1996) diz que um dos grandes pecados da escola é desconsiderar tudo com que a criança chega a ela, visto que a escola decreta que antes dela não há nada. Para Becker (2001), este é o modelo do fixismo, da reprodução, da repetição que configura o quadro da reprodução da ideologia, do autoritarismo, da coação, da subserviência, do silêncio, da heteronomia, da morte da crítica, da criatividade, da curiosidade, pois apenas o professor pode “produzir” algum novo conhecimento no aluno.

Em uma cena de “O clube do imperador”, um dos alunos corre sobre a grama e o professor Hundert o interpela, diz que caminho é uma trilha a ser seguida e, apenas com o olhar, indica onde o garoto está pisando. Este pede desculpas, enquanto o professor Hundert arremata: “use o passeio, ande por onde grandes homens já andaram”. O aluno responde que é melhor para a grama, enquanto o professor contesta dizendo “é melhor para você”. Este episódio lembra uma música revolucionária que diz “caminhante, não há caminho, caminho se faz ao andar”. Quando o professor fala em ter que trilhar o caminho já delimitado pelos outros e pela escola, não deixa margem ao aluno – de forma simbólica, sem que precise pisar na grama – a fazer sua própria trilha.

Quanto à relação professor-aluno, apesar de temido por todos, Hundert era um dos principais professores da St. Benedict’s, além de respeitado porque apreciava o que fazia e dominava o conteúdo. Ele, como instruiu Deleuze (1996), preparava-se para suas aulas. Apesar de “transmitir”, fazia isso com entusiasmo, contagiando seus alunos. Quando falava, conseguia transportar seus ouvintes para os locais e acontecimentos históricos, como o disse certa vez uma das professoras do colégio. Porém, de forma extrínseca, procurava motivar seus alunos, ao invés de fazer o que Charlot (2000, p. 54) chama de “mobilização”. Para este autor, esse conceito alude mobilizar-se de dentro, enquanto a motivação enfatiza o fato de que se é motivado por alguém, ou algo. Ademais, embora se preocupasse com a aprendizagem, a ênfase era mais com o resultado do que com o processo, uma vez que tentou motivar Bell dizendo-lhe que poderia ser o melhor da classe.

Contudo, é bom lembrar que o professor também sofre intervenientes em seu desempenho. Cunha (2001) adverte que ele nasceu em época, circunstância e local que interferem no seu modo de ser e de agir. Desse modo, suas experiências e história são fatores

determinantes em seu comportamento. Ademais, o conhecimento do professor é construído no seu próprio cotidiano, embora não seja apenas fruto da vida na escola: a participação profissional, ou em movimentos sociais, religiosos, sindicais, políticos e comunitários, pode ter mais influência do que a formação acadêmica. Do mesmo modo, a prática e os saberes que podem ser observados no professor são resultado da apropriação que ele fez da prática e dos saberes histórico-sociais. Isso pôde ser observado no filme: a relação de Hundert com os alunos é decorrente do fato de a escola exigir essa postura de seus professores, reproduzindo a ideologia que os alunos traziam de casa, através da preocupação de seus pais para que tivessem uma formação tradicional. Assim, o professor era mais diretivo porque a escola era mais diretiva, bem como porque os pais e a sociedade da época assim o desejavam.

A avaliação foi um dos problemas marcantes abordados pelo filme “O clube do imperador” quando ocorreu o que em estatística se chama de “efeito halo” (GIL, 2008, p. 252): a impressão global prévia acerca do estudante Bell afetou a avaliação específica. Em decorrência, a alteração da nota modificou muitas coisas, tanto na vida do professor, que sentiu remorso pelo resto da vida, como na de seus alunos, pois o fato de ter ficado entre os três finalistas e, na final, em segundo lugar, possibilitou que Bell pedisse a revanche que o lançou oficialmente como candidato a senador, além de ter deixado decepcionado e deprimido o aluno que foi injustiçado.

Através do filme “O clube do imperador” e dos exemplos dos escritores Manoel de Barros e Albert Camus, pôde-se perceber que o professor, através de seu comportamento e ensino, deixa marcas na vida de seus alunos. Isso acontece porque, no convívio diário, o professor é observado em tudo. De fato, cada aluno traz lembranças de seus professores, não só dos conteúdos das matérias ensinadas, mas de frases, conselhos e atitudes. O aluno cresce e envelhece, mas não se esquece de muito do que foi aprendido e experimentado em sala de aula, onde passou boa parte de sua vida.

Assim, o professor deve ter em mente a importância do seu papel na vida de seus alunos, tendo cuidado na preparação de suas aulas (DELEUZE, 1996), no método pedagógico escolhido e na forma de se expressar, visto que seu exemplo poderá influenciar nas escolhas e no futuro de seus alunos. Posturas antagônicas e contraditórias ao que diz podem confundir a classe, como no caso do professor Hundert que defendia a democracia, mas que às vezes tinha atitudes de intolerância. A este respeito, Freire (1996, p. 34) adverte que “as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem”.

Como diz a máxima do filme “O clube do imperador”, na vida de todos, sempre há uma pessoa que faz toda a diferença. O professor, certamente, é uma delas. Deepak Mehta, o aluno que vencera o concurso Senhor Júlio César em 1976 e, já adulto, na revanche, mais uma vez recebeu o laurel que confirmou sua conquista, aproveita o encontro com o professor Hundert para lhe dizer que professores são pilares na íntima estrutura das escolas, sendo mais essenciais do que suas pedras ou vigas, pois continuarão a ser uma força despertadora e um poder revelador na vida de seus alunos, projetando sua vida em outras vidas.

REFERÊNCIAS

BARRETO, V. **Camus: vida e obra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BARROS, M. **Memórias inventadas** (a segunda infância). São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

_____. **Manoel de Barros: entrevista**. Entrevistadora: Bianca Ramoneda. Rio de Janeiro: GLOBO NEWS, 2005. 1 DVD (ca. 40 min.), colorido.

BECKER, F. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CAMUS, A. **O primeiro homem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005 (40 anos, 40 livros).

CANIN, E. **O ladrão do palácio**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CUNHA, M. I. da. A relação professor-aluno. In: VEIGA, I. P. A. **Repensando a didática**. Campinas: Papyrus, 2001. p. 145-155.

DELEUZE, G. **L’Abécédaire de Gilles Deleuze: entrevistas**. [1988-1989]. Entrevistadora: Claire Parnet. Direção: Pierre-André Boutang. França, Éditions Montparnasse, Paris, 1996. 3 DVD (453 min), colorido.

FERRY, J. Carta Dirigida a los Maestros por el Ministro de Instrucción. In: FERRY, J. et al. **La Escuela Laica**. Buenos Aires: Editorial Losada S.A., 1945.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Didática no ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZÁLEZ, H. **Albert Camus: a libertinagem do sol**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

MORALES, P. **A relação professor-aluno**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SETTON, M. G. J. **A cultura da mídia na escola**: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume, 2004.

SILVA, R. P. **Cinema e educação**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

THE EMPEROR'S Club (O clube do imperador). Direção: Michael Hoffman. Produção: Marc Abraham e Andy Karsch. Intérpretes: Kevin Kline, Emile Hirsh, Embeth Davidtz e outros. Roteiro: Neil Tolkin e Ethan Kanin. EUA, Universal Studios, 2002. 1 DVD (108 min), colorido. Distribuído por Europa Filmes. Baseado na novela "The Palace Thief" (O ladrão do palácio) de Ethan Canin.

TODD, O. **Albert Camus**: uma vida. Rio de Janeiro: Record, 1998.